

EDUCAÇÃO ESTÉTICA ONTEM E HOJE: UM PERCURSO, UMA TRAJETÓRIA...

Tamara Martielle B.P. de Arruda¹

Ana Iara Silva de Deus²

RESUMO

Este ensaio aborda aspectos da Educação Estética no âmbito educacional, trazendo conceitos de ontem e hoje, procurando apresentar um percurso do conceito de estética no decorrer de sua trajetória. Em seguida, evidencia aspectos do conceito de beleza com base nos filósofos da Antiguidade, bem como realiza uma inter-relação entre Arte-Educação e Educação Estética. Deste modo, este trabalho procura compreender o verdadeiro conceito de Estética e Arte-Educação desde os primórdios da Antiguidade até a Contemporaneidade. Para tanto, o trabalho estabelece uma relação entre Arte, Sensível e Humano e sua relevância para o campo educacional. Assim, este estudo apresenta alguns estudiosos que sustentam esta discussão, como: Jimenez, Kant, Duarte Jr., Vilela, Ormezzano, dentre outros. Portanto, procura-se ao longo deste ensaio apresentar a Educação Estética como um compartilhamento de experiências vividas, evidenciando sensações, sentimentos, conflitos e toda a subjetividade que aflora com a Educação Estética para os envolvidos no processo.

Palavras-chave: Arte, Educação, Educação Estética.

Para podermos falar da Educação Estética devemos primeiramente compreender seu verdadeiro significado e suas influências históricas no âmbito educacional, pois a palavra “Estética provém do grego *aisthesise* e significa percepção totalizante, sensibilidade, conhecimento sensível. Esta disciplina tem como campo de estudo inicial as obras de arte, as teorias da criatividade, da percepção, do gosto, da imaginação” (ORMEZZANO; FEDERIZZI, 2012, p. 1).

A estética e artes são dois termos intrinsecamente relacionados. Haja visto, que a arte já existia desde os tempos mais antigos em todos os lugares, no entanto a estética apresenta essa conceituação somente a partir do século XVIII. Nesse sentido, Jimenez afirma que “A palavra arte, herdeira desde o século XI de sua origem latina ars-atividade, habilidade, designa até o século XV, no Ocidente, apenas

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia do Instituto Cenequista de Ensino Superior de Santo Ângelo-CNEC/IESA. Professora de Educação Infantil e Anos Iniciais. Contato: tamaramartielle@hotmail.com

2 Pedagoga, Mestre em Educação, Especialista em Educação Infantil, Arteterapeuta e Aluna especial do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social. É professora do Instituto Cenequista de Ensino Superior de Santo Ângelo-CNEC/IESA no Curso de Pedagogia. Contato: anaraiaradeus@hotmail.com

um conjunto de atividades ligadas à técnica, ao ofício, à perícia, isto é, a tarefas essencialmente manuais” (199, p.32) Desta forma a estética moderna somente é reconhecida a partir do momento em que a Arte estabelece relações com ela, onde a atividade é meramente intelectual e técnica.

Percebe-se que, antes do século XVIII, a arte estava ligada apenas às questões puramente técnicas dos artesões. Para Jimenes (1999), o pensamento sobre a criação artística descentrava-se da concepção divina, necessitando da ação humana para se concretizar. Após debates entre teológicos e filosóficos, definiu-se que a origem da criação humana não dizia respeito diretamente à arte. Somente no século XVII o belo se libertou dos valores do bem e do verdadeiro e, no final do século XVIII, a imitação fiel da natureza não foi mais considerada a única finalidade do artista.

Como vimos, a estética surgiu há muitos anos (428-348 a. C.) e, em grande parte, dentre os responsáveis por essa concepção estão os filósofos Platão e Aristóteles como a principal referência da origem estética. Platão, filósofo da Antiga Grécia, discípulo de Sócrates, refletiu sobre o jogo, a sabedoria e a beleza, é conhecido pela teoria de que as abstrações, denominadas por ele “ideias”, existem num mundo diferente do mundo físico (ORMEZZANO, 2007).

Para ele, era impossível separar o belo do mundo das ideias (razão), sendo considerado o belo, o bem e a perfeição. Em relação à estética de Platão, assim declaram Castilhos e Fernandes:

A estética deve aparentar os sentimentos, agradáveis ou não, pois, vêm da natureza da alma, onde “A realidade não é mais do que uma cópia imperfeita, o que importa é conhecer as ideias, pois, só pela intuição se apreenderá” (BAYER, 1978, p.47). A aparência sensível é constituída pela imitação de um ideal concebido no mundo das Ideias. A única arte aceita por Platão é a arte do raciocínio, a poesia é uma arte, tal como a política, a guerra, a medicina, a justiça, etc., principalmente pelo caráter virtuoso das narrativas (2007, p. 3-4).

Considerando a beleza na Antiga Grécia como ideal e perfeita, para Platão a boa educação é “aquela que oferece toda beleza e perfeição possíveis ao corpo e à alma” (ORMEZZANO, 2007). Assim as ideias só podem ser apreendidas pela razão, e é por isso que para Platão a arte é raciocínio e intuitiva.

Contrapondo as ideias de Platão, Aristóteles acreditava que a arte pode se originar das emoções, sentimentos vividos e percebidos de forma subjetiva diariamente por cada sujeito. Influenciado pelas teorias de Pitágoras, o belo e a moral são vistos como a estética do bem. Ormezzano pontua assim sobre o método de Aristóteles

Seu método era analítico e sistemático, questionando tudo e buscando a essência de cada área do conhecimento. Contrário ao pensamento de Platão, seu discípulo pensa que a poesia pode purificar certas paixões. No conceito aristotélico de katharsis esconde-se um novo significado para a arte, baseado na ideia de que a arte pode originar emoções que se convertem em vida ativa. O objeto de estudo de Aristóteles são as praxes humanas. Da tragédia não permanece a gravidade do fato, mas a vibração daquilo que se sente. Assim, a ideia de catarse coincide com o movimento pedagógico da arte poética, teatral e musical (2007, p.7).

Após distinções entre as concepções de Platão e Aristóteles enfatiza-se que a tradição romana sucedeu à grega, mas a “arte da Antiga Roma trouxe pouca criatividade, pois se aproveitou dos cânones gregos, incluindo na beleza clássica aquilo que mostrava o poderio imperial” (ORMEZZANO, 2007, p.17).

Por meio da perspectiva estética, esta é considerada a ciência do belo, da percepção e a teoria da arte, destacam-se as obras do filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) e suas contribuições para a Educação Estética Moderna apresentada como uma filosofia.

A partir deste, o conceito em questão foi sendo definido progressivamente até chegar à reflexão e à pesquisa sobre os problemas da criação e da percepção estética. Baumgarten considerava a relação entre belo e a beleza, na qual a beleza

é o resultado da cognição do sensível. Este estudioso recebeu influências das ideias Christian Wolff e de Leibniz, onde considerava a sensibilidade e a inteligência. “Afirmava que a estética é a ciência da cognição sensorial e que a cognição sensorial deriva do trabalho natural. Que o conhecimento origina da sensação e também da lógica ou cognição. Considerava que a cognição sensorial se amplia com formação [...]” assim asseveram Castilho e Fernandes (2007, p. 5).

Nesse sentido, a estética é considerada por Baumgarten uma ciência do conhecimento sensível, uma reflexão sobre o belo e o universo vivido e percebido pelos sujeitos, considerando que o conhecimento, neste viés, origina-se pela sensação, lógica ou cognição. Por meio de experiências estéticas, a cognição sensorial amplia-se e conduz ao sentido da beleza.

No entanto, foi a partir do século XVIII com as obras do alemão Immanuel Kant (1724–1804) um dos mais importantes e influentes filósofos da Modernidade, que a estética começou a configurar-se como uma disciplina filosófica independente. O destaque foi sua obra denominada *Crítica do juízo*, publicada em 1790, na qual ressaltou a tricotomia das faculdades humanas que são o ato de conhecer, desejar e sentir. Em seus estudos, considerava que toda ação deve ser orientada pela razão, e que a razão humana é a base da moralidade.

Enfatiza-se em Kant a importância da educação dos sentidos e da estética para as crianças. Para ele, a educação deveria formar alunos éticos, livres, sensíveis e disciplinados. Pessoas capazes de viver e atuar de forma ética e moral na sociedade. Em se tratando da concepção de beleza, Kant considerava que a beleza é a única maneira de satisfação e de sensibilidade. Considera que o homem é o ideal do belo, pois somente o homem é moral e livre.

Foi no século XIX, em meio a tantas transformações, com o aparecimento do movimento romântico, na arte romântica, que ocorre o recomeço de atividade da Ideia, por exemplo, em que se destacaram os estudos e manifestações do artista, poeta e dramaturgo Friedrich Schiller considerado um dos primeiros conceitos filosóficos concretos sobre Educação Estética. Sua principal obra de meados dos anos

de 1791 a 1793, denominada *A Educação Estética do homem*, foi organizada em uma série de cartas, no total foram 27 publicações, escritas ao príncipe dinamarquês Friedrich Christian Von Schleswig em meio a Revolução Francesa de 1789.

Ressalta-se que Schiller leva em consideração o pensamento do “eu” proposto por Kant. Em *A Educação Estética do Homem*, esse autor complementa as ideias de Kant propondo a integração das pessoas no mundo em que vivem. Para Schiller, não seria possível apresentar tais estudos sem que a filosofia kantiana tivesse favorecido os meios. Com o conceito de que a Beleza tem princípios na razão, Schiller desmistifica o belo como simples apreciação baseada na experiência empírica e propõe o belo como imperativo, de forma objetiva, com leis próprias.

Percebe-se, assim, desde os primórdios, a preocupação em relação às concepções de subjetivo e real. Schiller considera-se satisfeito com a ideia de que a experiência estética do belo traz a liberdade e que esse sentimento está se concretizando no mundo das Ideias, ou seja, da razão.

Ao considerar a beleza uma forma de o ser humano se relacionar com o mundo, este autor afirma que “Beleza não diz respeito às qualidades dos objetos, mensuráveis e normatizáveis. Diz respeito à forma como nos relacionamos com eles. Beleza é relação (entre o sujeito e o objeto)” (DUARTE JÚNIOR, 1987, p. 14).

Nessa perspectiva, a Educação Estética foi definida por Kant (pensador aqui já mencionado) como uma disciplina de base filosófica já que compreende a criação artística, sua análise, percepção e reflexão, suas formas de expressão e comunicação assim como também sua relação com o contexto humano.

Em tratando a Educação Estética como filosofia, pode-se compreender este como um campo de conhecimentos que auxilia e situa o sujeito perante a arte, percebendo a compreensão de belo, e que a beleza é subjetiva, permite ao indivíduo ser e agir perante situações que coloquem a perceber, sentir, observar e demonstrar suas próprias percepções e ideais de mundo.

A esta altura, ressalta-se a definição entre a experiência prática e a experiência estética apresentada pelo teórico João Duarte Júnior em seu livro denominado *O que é beleza?* em que apresenta ao leitor definições sobre tais experiências citadas confrontando-as com a realidade vivida pelos sujeitos no seu dia a dia.

Compreende-se experiência prática como a ação cotidiana que as pessoas vivenciam e se relacionam com objetos de uso. Assim, por meio da experiência prática e da interação estabelecida entre eles, o homem constrói o seu mundo. Sobre a relação entre o homem e o mundo, Duarte Júnior declara que:

Por esta perspectiva, a experiência prática [...] é justamente o relacionamento eu-isso, relacionamento este que o autor define como marcado pelo utilitarismo, por uma subordinação do isso ao eu; o eu é o sujeito da experiência, sujeito que percebe, experimenta e se utiliza do isso. Em nossa vida diária, estamos mergulhados a maior parte do tempo em relacionamentos eu-isso. Quando tomo a caneta para escrever, o isqueiro para acender o cigarro, a mangueira para lavar o carro; quando peço uma informação ao guarda do trânsito, explico um conceito a um aluno, peço a conta ao garçom, todos eles, caneta, isqueiro, cigarro, mangueira, carro, guarda de trânsito, aluno, garçom, são o isso de meus relacionamentos. Definitivamente: o homem constrói o seu mundo e nele desenvolve práxis através do relacionamento eu-isso [...] (1987 p. 37).

Neste sentido, na realidade cotidiana do ser humano, à medida que vai percebendo e compreendendo a função utilitária e conceitual da experiência prática, o indivíduo busca desvendar a utilidade e as funções das coisas que lhe apresentam. Ou seja, é de suma importância para o processo intelectual (simbólico e cognitivo) por meio da rotina e dos hábitos, vivenciar ativamente as ações que lhe competem, bem como refletir e agir sobre seu mundo.

Já a experiência estética remete a objetos estéticos construídos exclusivamente a cada sujeito, permitindo a experiência da beleza. Por exemplo, as obras de arte, “não possuem nenhuma utilidade a não ser aquela para qual é construída: proporcionar a experiência estética” (DUARTE JÚNIOR, 1987 p.42).

A palavra estética deriva das diferentes concepções da arte. A arte é considerada por JIMENEZ (1999) como o objeto da estética, e acredita que as contradições sobre esta são amplamente apresentadas. E a estética como uma herança da ambiguidade da arte (entre razão e emoção), como um desafio que o esteta³ se aventura sem precisão de que sua produção poderá ser um sucesso ou um fracasso.

A arte é a criação de formas, podendo ser estática ou dinâmica. Compreendem-se por estática as fotografias, por exemplo, que, ao longo do tempo, permanecem fixas. Dinâmicos são aspectos que vão sendo construídos, como a música e a dança. Ou seja, a experiência estética não está relacionada somente à arte, mas sim com as percepções da vida. A arte, pelo viés da estética, refere-se aos sentimentos e o ponto de vista percebido pelas pessoas individualmente. O que para um é considerado belo pode ser para outro feio e assim por diante.

Para compreender a relação da Arte-Educação com a Educação Estética e suas contribuições para a ressignificação da Arte na contemporaneidade deve-se definir que a Arte é uma disciplina presente na escola, muitas vezes considerada pela desordem e pelo manuseio de diferentes materiais, como tintas e papéis. Disciplina que fica marginalizada para dar ênfase às “mais sérias, ou mais importantes para a vida” (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 11), como a Língua Portuguesa e a Matemática.

Arte-educação é um termo referenciado a uma aprendizagem sobre diferentes aspectos que contemplam as artes, tais como sentimentos, emoções, linguagem e expressão, etc. Uma vez que a arte é a criação de uma forma seja ela estática (desenho e pintura) ou dinâmica (dança e música). Estas manifestações artísticas são expressas na vida cotidiana de cada pessoa. Sobre a arte-educação, Duarte Júnior (1991) explicita que:

3 Definição apresentada por Jimenez (1998) como uma palavra francesa “*esthéticien*” não tendo correspondência exata com o português. Significa “pessoa versada com a estética” (cf. Aurélio).

Definição pelo dicionário: *es-te-ta (graishtetés)* pessoa que coloca a estética (beleza) acima de qualquer coisa. Especialista em estética.

[...] a arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista. Ela pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional, considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano. Um processo que envolve a criação de um sentido para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares [...] Por isso, na arte-educação, o que importa não é o produto final obtido; não é a produção de boas obras de arte. Antes, a atenção deve recair sobre o processo de criação. O processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo a sua volta. A finalidade da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética (1991, p. 72-73).

Pedagogicamente, a Arte-Educação busca a dinâmica entre o sentir, o pensar e o agir. Promove a interação entre o saber e a prática relacionada aos aspectos históricos, sociais e culturais, pois a “a imaginação, é o dado fundamental do universo humano e o motor de todo ato de criação” (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 52).

Nos dias atuais devido a grande demanda tanto social, cultural, tecnológica e educacional as práticas pedagógicas necessitam de paradigmas de ensino que deem conta das necessidades educacionais. Em contrapartida apresenta-se a Educação Estética como uma possibilidade de compreensão e de reconhecimento deste humano, porque a Estética na arte leva em consideração a subjetividade de cada sujeito e sua maneira de se relacionar com os outros e a consigo próprio.

Porém sabe-se que o ensino da estética é desvalorizado uma vez que se refere ao subjetivo fugindo de certo modo ao ensino tradicional para a formação dos sujeitos. Neste viés, muitos professores se sentem desafiados e desacomodados por ser a Educação Estética uma estratégia que exige destes profissionais um estudo e ação ativa em relação ao processo de ensino e aprendizagem de cada educando. A arte se mostra “com demasiada frequência como um enfeite da existência, como um pequeno ornamento encarregado de trazer um pouco de fantasia a uma vida escravizada ao funcional” (JIMENEZ, 1999, p.11).

Pelo ensino da Educação Estética se faz necessário pensar cada sujeito em sua forma única pela sua bagagem cultural, esta por sua vez vai sendo constituída ao longo de sua vida. Onde a Arte está entrelaçada com tais experiências que tanto influenciam no ato de ser e aprender relacionada aos sujeitos. Neste sentido, Marcos Villela retrata sobre a experiência com as obras de artes

[...] como uma experiência singular e subjetiva que pode bem ser individual ou coletiva, mas que definitivamente vai na direção da singularidade. E a singularidade, nesse caso, tanto pode ser a do artista quanto a do crítico ou, ainda, a do espectador. É arte o que eu digo que é arte. É arte o que eu faço ser arte. É arte o que eu torno arte. E, em última análise, ela serve para produzir efeitos de sentido no criador, no crítico e no público (2012, p.185).

Por ser subjetiva e singular a experiência estética, assim como o exemplo citado por Villela, qualquer objeto ou situação pode ter relações estéticas, dependendo então das relações estabelecidas pelos sujeitos frente a estas realidades. “Podemos ter experiências estéticas ao entrar em jogo com uma música erudita, uma música popular, um som da natureza, um ruído urbano ou, mesmo, com o silêncio. Podemos ter experiências estéticas com uma pintura clássica, uma imagem sagrada, um desenho na parede de uma caverna [...]” (VILLELA, 2012 p.187). E ainda o mesmo autor destaca que

A razão estética habilita o sujeito para que se construam mundos não apenas a partir de e sobre esquemas referenciais, mas, igualmente, a partir de e sobre a experiência da presentificação do que existe, do ser-aí, da história efetual e da desrealização dos limites estabelecidos pelas formas tradicionais de racionalidade (2012, p.193).

Enfatiza-se então, a responsabilidade da escola em possibilitar e permitir que seus alunos percebam e se oponham sobre suas ideias pessoais em relação às questões do cotidiano. Assim, a Educação Estética no trabalho pedagógico acontece de forma processual, uma construção que retrata o mundo real percebido pelos alunos e manifestado em seu comportamento nas interações em grupo ou individualmente. Destaca-se, assim, a prática do professor e o desafio

em possibilitar aos seus alunos situações que provoquem e tenham sentido/significado nas relações pessoais e sociais a partir das experiências estéticas.

Portanto, após essa pesquisa pode-se dizer que a Educação Estética surgiu como uma filosofia das artes, um estudo que permite de diferentes formas construir conhecimentos vividos e compartilhados por meio de experiências estéticas. Considera-se neste sentido a Educação Estética um paradigma para o processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. Nele, o aluno apresenta-se subjetivamente por meio de suas próprias reflexões, sensações, sentimentos e olhares diante das relações do mundo que o cerca, pois, foge-se dos modelos e moldes estereotipados pela sociedade. Sem se preocupar com padrões de beleza, a criança é provocada pela Educação Estética: ler, criar, sentir e produzir o produto final expressado na Arte.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ana Lúcia Serrou, FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. **Questão estética no ensino de artes no ensino fundamental**. VII Jornada do HISTEDBR “O trabalho didático na história da educação”. Campo Grande, 2007. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/QUEST%C3O%20EST%C9TICA%20NO%20ENSINO%20DE%20ARTES%20NO%20ENSINO.pdf. Acesso em: 26 de março de 2014.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é beleza?** (Experiência Estética). Passo Fundo, RS: Editora Brasiliense, 1987.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1991.

JIMENEZ, Marc; tradução Fulvia M. L. Moretto. **O que é estética?** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

PEREIRA, Marcos Villela. **O linear da experiência estética: Contribuições para pensar um percurso de subjetivação**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p.183-195, jan-abr, 2012.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000100012. Acesso: 6 de setembro de 2014.

ORMEZZANO, Graciela (org.). **Educação Estética**: abordagens e perspectivas. Revista Em Aberto. Brasília, v. 21, n 77, junho 2007.